SER SUPREMO: ATRIBUTOS E CULTO ENTRE POVOS PRIMITIVOS

Valdeli Costa

Mircea Eliade no *Traité d'Histoire des Religions*(1), a respeito do culto aos Seres Supremos pelos povos primitivos afirma que estes Seres Supremos, chamados "ociosos"(2), estão em vias de desaparecimento do culto destes povos, por estarem sendo submetidos a um processo progressivo de esquecimento em proveito de outros seres intermediários, mais próximos do homem, especialmente, pelo culto dos Antepassados. Esta colocação parece-nos dever ser balanceada no que respeita a Seres Supremos ainda hoje atuantes na consciência dos povos dos quais são a divindade suprema. Como constatação de uma fase final do processo histórico nas Altas Culturas da antiguidade, a afirmação é aceitável. Contudo, para Seres Supremos atuais, não nos parece que deva ser tomada tão taxativamente, já que o culto que lhes é prestado, por motivos que veremos no decorrer deste trabalho, nem sempre é perceptível ao primeiro golpe de vista de pesquisadores desatentos. Centraremos nosso questionamento no cap. II: "Le Ciel: Dieux Ouraniens — Rites et Simboles Célestes" (pp. 46-101), sobre os parágrafos referentes aos Seres Supremos Celestes das Religiões Primitivas (pp. 46-62). Não analisamos os deuses celestes das Religiões

(1) Confira-se na bibliografia as obras aqui citadas pela data da edição citada. Presentemente, M. ELIADE, 2 1968.

(2) Id., p. 52.

Politeístas, por apresentarem estas um avanço no desenvolvimento religioso, posterior ao nível primitivo.

1. *A NATUREZA DOS SERES SUPREMOS*

a. A experiência urânica

A escola etnográfica de Viena e em primeiro lugar W. Schmidt, autor da mais volumosa monografia consagrada à origem da idéia de divindade, procurou demonstrar a existência de um monoteísmo primitivo apoiando-se fundamentalmente na presença de deuses celestes encontrados entre as mais primitivas sociedades humanas. Esta tese hoje, por muitos etnólogos discutida e rejeitada, teve o valor de aportar ao conhecimento científico a grande variedade de cultos e divindades existentes nas mais longíquas regiões do globo. Os missionários enviados por Schmidt a todos os continentes em coleta de provas de uma original revelação monoteística ao homem primitivo trouxeram quantidade considerável de conhecimentos sobre Seres divinos cultuados por esses povos. Muitos desses deuses se revelaram ligados à abóbada celeste. Seres supremos, celestes, identificados com o céu, ou com fenômenos metereológicos.

A simples contemplação da abóbada celeste sempre provocou na consciência do Homem Primitivo uma experiência religiosa, equivalente a uma revelação. Por sua natureza, a abóbada celeste revela-lhes diretamente a "transcendência", "força" e "sacralidade". Ela é por excelência o "totalmente outro", diverso de tudo o que representa o homem e seu espaço vital(3). As regiões superiores, inacessíveis ao homem, as zonas siderais, adquirem o prestígio divino do transcendente, da realidade absoluta, da perenidade. Tornam-se a morada dos deuses. Só alguns privilegiados lá chegam, graças aos ritos da ascensão celeste. Para lá se elevam as almas dos mortos na concepção de vários povos primitivos. O "alto" é uma dimensão inacessível ao homem. Pertence por direito às forças e aos seres sobre-humanos; aquele que se eleva, escalando cerimonialmente os degraus de um santuário ou de uma escada ritual, que conduz ao Céu, deixa de ser homem; as almas dos Antepassados privilegiados, em sua ascensão celeste, abandonam a condição humana(4).

---

(3) Id., p. 46.
(4) Id., p. 47.

Tudo isto é deduzido pelo Homem Primitivo da simples contemplação do céu. Seria, contudo, grave erro considerar tal dedução na mentalidade primitiva como na operação lógica, racional. A categoria transcendente da "altura", do supraterrestre, do infinito, se revela ao homem todo, tanto à sua inteligência, como à sua alma. O simbolismo e os valores religiosos do Céu não são deduzidos de modo lógico da observação calma, objetiva, da abóbada celeste. Igualmente não são o produto exclusivo da fabulação mítica ou de experiências religiosas irracionais. Antes de toda valorização religiosa do Céu, este já revelava sua transcendência. "Simbolizava" a transcendência, a força, a imutabilidade pelos simples fato de existir. O Céu "existe" porque é elevado, infinito, imutável, poderoso(5).

Ser "elevado", encontrar-se no "alto" equivale a ser "poderoso" (no sentido religioso da palavra) e, como tal, saturado de sacralidade. Assim demonstra a etimologia mesma do nome de certos deuses. Para os Iroqueses, tudo o que contém *orenda* se chama *oki,* contudo, o sentido da palavra *oki* parece ser: "o que se encontra no alto", havendo mesmo uma divindade Suprema conhecida com o nome de *Oke*(6). Os Sioux da América do Norte exprimem a forma mágico-religiosa (mana, orenda, etc.) pelo termo *wakan* que tem forte aproximação fonética de *wakán, wankán,* que na língua dakota significa "no alto", "acima". O sol, a lua, o relâmpago, o vento possuem *wakan.* Esta força, ainda que de maneira imperfeita, é personificada em *Wakan,* traduzido por "senhor" pelos missionários, mas que é mais exatamente um ser Supremo celeste, a se manifestar nos relâmpagos(7).

As noções de "altíssimo", "brilhante", "céu" existiram, mesmo para os civilizados, mais ou menos manifestamente nos termos arcaicos, usados para exprimirem a idéia de "divindade"(8). O modo de ser celeste é uma hierofania inesgotável. Por isto, tudo o que se passa nos espaços siderais e nas regiões superiores da atmosfera — a revolução rítmica dos astros, a sucessão das nuvens, as tempestades, os raios, os meteoros, o arco-íris, etc. — são momentos desta mesma hierofania. No entanto, quando esta hierofania se personificou, quando as divindades do céu se revelaram e ocuparam o lugar da sacralidade celeste como tal, é difícil precisar. O que permanece indiscutível é que as divindades celestes estão ligadas aos fenômenos siderais.

---

(5) Ibidem
(6) Cfr. PETTAZZONI, 1922: 310; W. SCHMIDT, 2 1926-1955, II: 399.
(7) Cfr. PETTAZZONI, Id., p. 290s.; W. SCHMIDT, Id., pp. 402-405, 648-652.
(8) M. ELIADE, 2 1968: 48.

b. Deuses urânicos

A intuição da presença do divino nos elementos urânicos não é vaga e imprecisa para os Povos Primitivos. Nas mais variadas e longíquas regiões da Terra tomou consistência, individuando-se nos Seres Supremos próprios a cada grupo humano local. Chama-nos a atenção como em cada tribo ou clã, o Ser Supremo, conhecido sob nomes diversos, apresenta traços pessoais, atributos semelhantes ou muito próximos, destacando-se, em primeiro plano os elementos urânicos. Para ressaltar esta particularidade entre os inúmeros exemplos que poderíamos colher na bibliografia etnológica, detenhamo-nos a analisar alguns Seres Supremos que aparecem na citada obra de Eliade.

Das tribos do sudeste australiano (Kamilaroi, Wiradiuri, Euahlayi) o Ser Supremo é *Baiame.* Habita o céu, junto a um grande curso d'água (a Via Láctea), e lá recebe as almas dos inocentes. Está sentado sobre um trono de cristal, sendo o Sol e a Lua seus "filhos" e mensageiros sobre a Terra (na realidade, são seus "olhos", como crêem os Fueguinos Halakwulups, os Semang e os Samoyedes)(9). Sua voz é o trovão. A chuva que envia, verdeja e fertiliza a Terra inteira. Neste sentido, também é "criador". *Baiame* se auto-criou e a tudo criou do nada (ex nihilo). Vê e compreende tudo(10).

Similar a *Baiame* é *Daramulun.* Embora conhecido pelas tribos australianas da costa Este (Muring, etc.), só os iniciados estão a par deste seu nome esotérico. As mulheres e as crianças não o chamam senão por "pai" (papang) e "senhor" (biambam). Os neófitos, no ritual de iniciação, tem conhecimento de sua existência, através de grosseiras imagens de argila que o representam e são quebradas a seguir, tendo o chefe do ritual especial cuidado de que os pedaços sejam dispersos e inidentificáveis. Outrora, *Daramulun* permaneceu algum tempo sobre a Terra e inaugurou os ritos de iniciação; após, elevou-se ao céu, de onde se ouve a sua voz — o trovão —, e de onde envia a chuva.

No arquipélago andamanês, entre uma das populações mais primitivas da Ásia, o Ser Supremo é *Puluga.* Concebido de modo antropomórfico(11), habita igualmente o céu. Sua voz é o trovão; seu hálito, o vento. Sua cólera se externa nos furacões, punindo com raios os que

(9) Cfr. W. SCHMIDT, Id., III: 1087; IV: 402.
(10) A. W. HOWITT, 1904: 326s., 466s.; PETTAZZONI, Id., pp. 2s.; W. SCHMIDT, Id., I: 416, III: 846s.
(11) P. SCHEBESTA, 1940: 161.

transgridem seus mandamentos. *Puluga* tudo sabe. Contudo, só conhece os pensamentos humanos durante o dia(12). *Puluga* criou para si uma esposa e dela teve filhos. Perto de sua residência urânica está o Sol (feminino) e a Lua (masculino), com seus filhos, as estrelas. Se *Puluga* dorme, há sêca. A chuva indica a descida de *Puluga* à Terra a procura de alimentos (aparição da vegetação)(13). Puluga criou o mundo e o primeiro homem, chamado Tomo. A partir de Tomo a humanidade se multiplicou e dispersou. Após a morte de Tomo os homens foram se esquecendo sempre mais de seu criador. Irado com o menoscabo por parte dos homens, *Puluga* enviou o dilúvio que sepultou sob as àguas a Terra inteira, pondo fim à humanidade. Da hecatombe apenas quatro pessoas se salvaram. *Puluga* delas se apiedou e as poupou. Os homens, contudo, se mostraram recalcitrantes. Assim, *Puluga,* após haver-lhe lembrado mais uma vez seus mandamentos, retirou-se da Terra, não sendo mais visto pelos homens(14).

Na África, o nome dos deuses celestes serve igualmente para designar os fenômenos metereológicos. Os Tshis empregam a palavra *Hyankupon* — o nome de seu deus Supremo — para designar o céu e a chuva. Dizem: *"Nyankupon bom"* (N. bate) = "troveja"; "Nyankupon aba" (N. chegou) = "chove". Os Suks chamam seu Ser Supremo *Torôrut,* isto é, o Céu; mas igualmente *Ilat,* a chuva(15). Os Pigmeus da África Equatorial crêem que Deus (*Kmvum*) mostra seu desejo de se comunicar com eles através do arco-íris. Por isso, imediatamente após o aparecimento deste, pegam seus arcos e dirigindo-se a ele salmodiam:

"Tu derramaste debaixo de ti,
vencedor da luta,
a tempestade que ribombava,
que retumbava tão forte
e tão irritada!
Estavas acaso, irado conosco?"

Terminando a ladainha com uma oração dirigida ao arco-íris, onde suplicam que interceda junto ao Ser Supremo a não mais se irritar com eles, a não trovejar mais e não tornar a matar(16).

---

(12) Traço naturista da divindade, onde omnisciente = omnividente. Cfr. PETTAZZONI, Id., p. 96.
(13) W. SCHMIDT, Id., I: 161s., III: 122s.
(14) M. ELIADE, 2 1968: 50.
(15) J. FRAZER, 1926: 288; M. ELIADE, 2 1968:51.
(16) M. TRILLES, 1932: 78-79; 1945: 109.

Para a maioria das populações Ewe, *Mawu,* o Ser Supremo (nome derivado de *wu,* "estender", "cobrir") é utilizado como designativo do firmamento e da chuva. O azul do firmamento é o véu com o qual *Mawu* cobre o rosto. As nuvens, sua veste e adorno. O azul e o branco, suas cores favoritas (por isto seu sacerdote não pode usar outras cores). A luz é o óleo com o qual Mawu unge o seu desmesurado corpo(17).

Entre o Masai niloticos, *Ngai* é a figura divina muito alta, que conserva os caracteres urânicos. Invisível, habita o céu. Umas estrelas são seus filhos, outras, seus olhos. Uma estrela cadente são seus olhos que se aproximam da Terra para ver melhor. Segundo Hollis, "Engai" (*Ngai*) significa literalmente "a chuva"(18).

Os Ba-Ilas, tribos batu do vale do Kafue, tem *Leza,* como Ser Supremo, todo poderoso, criador, habitando o céu. A linguagem popular usa, contudo, a palavra "leza" igualmente, para expressar os fenômenos metereológicos. Assim, diz-se: "Leza cai" (chove), "leza está furioso" (troveja), etc.(19). Para os índios Pawni, o "pai de todas as coisas", criador de tudo o que existe, dispensador da vida é *Tirawa atius,* que, para guiar os homens, criou as estrelas. No raio, brilham seus olhos; no vento, seu hálito. Seu culto conserva colorido simbolismo urânico. Mora longe, acima das nuvens, no céu que jamais se altera(20).

2. *ATRIBUTOS DOS SERES SUPREMOS*

Desta rápida amostragem percebe-se como a figura dos Seres Supremos aparece ornada com diversos atributos divinos, que se repetem, ainda que sob a aparente diversidade da pitoresca formulação de cada tribo. Alguns destes atributos se destacam ao primeiro golpe de vista no conjunto das narrações; outros, exigem um pouco mais de acuidade para serem descobertos na trama descritiva.

a. Onipotência

O atributo "onipotente", por exemplo, é referido a *Baiame,* que se "auto-criou" e a tudo criou do nada(21). Contudo, de *Daramulun* e

(17) J. SPIETH, 1911: 5ss.; M. ELIADE, 2 1968: 51-52.
(18) A. C. HOLLIS, 1905: 264; M. ELIADE, id., 52.
(19) E. W. SCHMIDT - A. M. DALE, 1920, II: 198ss.; M. ELIADE, o.c. p. 51.
(20) PETTAZZONI, o.c. 287; M. ELIADE, o.c. p. 52.
(21) Cfr. Nota (10).

Nyankupon nada se diz no texto de Eliade, sobre a onipotência. Predominam na suas personalidades os traços urânicos(22). A onipotência, o poder criador permanente e atuável a qualquer momento, mesmo após o período primevo, não consta dos atributos de Puluga. Ignora-se se sua onipotência se exauriu na protocriação, pois, após o período primordial, não mais atuou(23). *Temaukel,* o Ser Supremo dos caçadores nômades Selk'nam da Terra do Fogo, conta a onipotência entre seus atributos. Temor sagrado impede que seu nome seja pronunciado. É habitualmente designado como "so'onh-haskan" isto é, "o habitante do céu" ou "so'onk kas pémer", "aquele que está no céu". É eterno, omnisciente, onipotente, criador. O cósmos por ele criado foi terminado pelos ancestrais místicos da tribo, criados, eles também, por *Temaukel,* antes deste se retirar para cima das estrelas, onde se isolou dos homens. Dele não se fazem imagens, nem possui sacerdotes. É o autor das leis morais, juiz e senhor dos destinos. Só em caso de doenças recebe orações como esta:

> — "Ó Tu, que está no alto! não tomes o meu filho; ele ainda é muito pequeno!" —

e nas intempéries, oferendas(24).

Nzambi(25), o grande Ser supremo dos Bantus, igualmente, entre outros atributos é onipotente, bom e justo, como *Nguruhi,* Ser supremo dos Wahehes(26).

b. Criador

O segundo atributo divino que brilha freqüentemente nos Seres Supremos é o poder criador. A natureza celeste, urânica, destes seres liga-os intimamente ao ser do Cósmos. Este é obra deles. Ao lado de *Puluga, Leza, Tirawa Atius, Baiame* e *Temaukel,* elencados como criadores, Eliade cita ainda *Bundjil,* o Ser Supremo das Tribos Kulin australianas, que habita o mais alto do céu, acima do "céu sombrio" — até este "céu sombrio", semelhante a uma montanha, se podem levar os curandeiros. Lá, uma outra figura divina, *Gargamitch,* os acolhe e intercede em seu favor junto a *Bundjil*(27). *Bundjil* é o criador da Terra, das árvores, dos animais e do homem, tendo-o feito de argila,

---

(22) M. ELIADE, o.c., 48-49, 51.
(23) Id., pp. 50-51.
(24) M. GUSINDE, 1928: 269-74; M. ELIADE, o.c, p. 51.
(25) M. ELIADE, o.c., p. 53.
(26) Id., p. 54.
(27) A. W. HOWITT, 1904: 490; W. SCHMIDT, 1931, III: 845, 836, 871.

insuflando-lhe a alma pelo nariz, boca e umbigo. Após haver investido seu filho *Bimbeal* de poderes sobre a Terra, e sua filha *Karakorook* de poder sobre o céu, retirou-se do Mundo. Hoje permanece acima das nuvens, como "senhor", tendo na mão um grande sabre(28).

Ruwa dos Wachaggas, importante tribo bantu do Kilimandjaro, também é criador, bom e guardião das leis morais. Presente nas lendas e mitos, desempenha medíocre papel no culto. É por demais bom e complacente para ser temido pelos homens. Devido a isto, a solicitude religiosa da tribo se concentra nos espíritos dos mortos. Somente quando as orações e sacrifícios oferecidos aos espíritos se mostram ineficazes, sacrificam a *Ruwa,* especialmente nos casos de sêca ou de grave doença(29).

Também *Kari, Karei* ou *Ta Pedn* dos Semang da península de Málaca, da estatura superior a humana, é o criador invisível. Falando dele, os Semang não o dizem precisamente ser imortal. Afirmam sim, ter sempre existido. Criou todas as coisas, salvo a Terra e o Homem, que são obra de *Plê,* outra divindade a ele subordinada(30). A advertência de que não foi *Kari* o criador da Terra e do Homem é significativa. Revela *vulgar fórmula da transcendência e passividade desta* divindade suprema, em demasia distanciada do homem de modo a lhe satisfazer as inumeráveis necessidades religiosas, econômicas e vitais. Como outros deuses supremos urânicos, também habita o céu. Manifesta sua cólera lançando raios. Aliás, seu nome significa 'raio' (tempestade). É onisciente. Tudo o que se passa sobre a Terra é-lhe visível. Primeiro legislador, rege a vida social dos homens da floresta, zelando ciosamente a observância dos mandamentos por ele dados(31). Não é objeto de culto propriamente dito. Somente quando se desencadeia um furacão é invocado e recebe oferendas expiatórias de sangue, mas somentes nesses casos(32).

c. Outros atributos

Emparelhada com o poder criador caminha a onisciência dos Seres Supremos. Como *Kari, Puluga, Mawu, Tsuni-goam,* a divindade supre-

---

(28) W. SCHMIDT, id., pp. 656-717; M. ELIADE, id., p. 49.
(29) M. ELIADE, o.c., p. 54.
(30) W. W. SKEAT - O. BLAGDEN, 1906, II: 239, 297, 737s.
(31) P. SCHEBESTA, 1940: 148.
(32) M. ELIADE, o.c. pp. 52-53.

ma dos Hotentotes, possui a omnisciência por ser Celeste. Os estragos da seca, sempre relacionada à consciência de pecado pessoal, na mentalidade dos hotentotes, leva-os a invocar:

— "Ó *Tsuni-goam,* ó Tu, o pai dos pais, faz que Nanub (a nuvem) deixe a chuva cair em torrentes!"

Omnisciente, conhece todos os pecados e assim lhe clamam:

— "Ó *Tsuni-goam,* só tu sabes que não sou culpado!"(33).

O uso da natureza (animais e plantas alimentícias) está submetido à legislação estabelecida miticamente pelos Seres Supremos. São eles os autores do código moral e ritual. O atributo "legislador" aparece fortemente em *Puluga, Kari* e *Temaukel,* que vigiam do alto do céu a observância das leis estabelecidas e dadas ao homem, punindo as infrações com tempestades e raios. O homem pode sempre descobrir os desejos destes Seres Supremos através do vento (*Baiame*), da aurora boreal (*Munganguá*), do arco-íris (*Bundjil*). A ação legislativa do Ser Supremo estende-se igualmente aos ritos de iniciação. Durante a curta passagem pela Terra, revelaram estes mistérios aos homens, mistérios quase sempre redutíveis à comunicação da genealogia mítica da tribo e a certas epifanias da tempestade.

Se Eliade não fala da "bondade" de todos os Seres Supremos, contudo, é atributo marcante em *Nzambi.* A ele se referem especialmente como 'bom'. Esta bondade ainda hoje aparece no conceito remanescente, que dele têm os Negros bantu do Brasil, praticantes da Macumba e Umbanda carioca. *Nzambi* é bom e justo. Por isto, não temido(34).

A 'transcendência' é atribuída aos Seres Supremos por associação ao céu distante, onde se encontram, inatingível pelo homem vulgar. Após a criação do Universo, retiram-se da Terra, não mais se imiscuindo na obra de suas mãos. Esta prossegue sob os cuidados, ou de um filho (*Bundjil*), de um demiurgo, ou dos antepassados.

3. *CULTO AOS SERES SUPERIORES*

Até aqui seguimos o pensamento de Eliade, na análise dos Seres Superiores. Ao adentrarmo-nos, porém, no culto de que são objeto por parte dos povos primitivos, — onde afirma, como para tantos outros,

---

(33) R. PETTAZZONI, 1922: 198; M. ELIADE, o.c., 54-55.
(34) M. ELIADE, o.c., p. 53.

de *Nzambi* que "é conhecido, mas não é cultuado, *nem adorado*"(35), permitimo-nos divergir de sua exposição à luz das observações de missionários atuantes em algumas dessas tribos das quais Eliade fala de culto ao Ser Supremo em vias de extinção, contrapondo-a às observações de van Bulck(36), Delaere(37) e van Wing(38) sobre o culto prestado aos Seres Supremos dos grupos primitivos, junto aos quais, exerciam seu ministério.

Segundo Eliade, após o período primordial dinâmico, os Seres Supremos descançam "ociosos", distantes, nas alturas inescaláveis do céu. Assim, *Puluga, Nzambi* ou *Olorum,* o Ser Supremo dos Yoruba da Costa dos Escravos, que após haver começado a criação do Mundo, confiou a *Obatalá* o cuidado de acabar sua obra e governá-la, retirando-se definitivamente dos negócios humanos e terrestres(37).

O afastamento dos deuses urânicos leva-os ao olvido e à carência de culto. Informa Eliade, apoiado em Frazer: *Olorum* não tem "nem templos, nem estátuas, nem sacerdotes". Ainda não foi completamente esquecido por permanecer "como último recurso nos tempos de calamidade"(38). Dizem os Bantus: "Deus, após ter criado o Homem, dele não mais se ocupa". Os Negrilhos repetem: — "Deus se afastou de nós!"(39). As populações Fang da savana da África Equatorial resumem sua filosofia religiosa neste hino:

"*Nzame* (Deus) está no alto,
O Homem, em baixo;
Deus é Deus,
O homem é o homem,
Cada um para si,
Cada um em sua casa"

Apenas quando querem chuva dirigem-se a Êle(40). Embora outrora este Ser Supremo tivesse considerável papel na vida religiosa tribal, como o revelam os mitos, hoje, passou a segundo plano.

Mawu, das populações Ewe, visto atrás, ainda que receba sacrifícios regulares, está igualmente em vias de desaparecimento do culto(41).

(35) Grifo nosso, cfr. M. ELIADE, o.c., p. 53.
(36) G. van BULCK, 1955; J. DELAERE, 1942-1945; J. van WING, 1920, oferecer-nos-ão os subsídios para esta análise.
(37) M. ELIADE, o.c., p. 53
(38) J. FRAZER, 1926: 119s; M. ELIADE, o.c., p. 53.
(39) H. TRILLES, 1932: 74; M. ELIADE, o.c. p. 54.
(40) H. TRILLES, o.c., p. 77; M. ELIADE, ibidem.
(41) J. SPIETH, 1911: 5s.; M. ELIADE, o.c., p. 52.

Do mesmo modo *Nyankupon.* Já não mais tem culto, nem sacerdotes especiais. Não é homenageado, senão em raras e especiais circunstâncias, como nos casos de grande penúria, epidemias, ou após violento furacão. Nessa ocasião dirigem-se-lhe os homens inquirindo em que o ofenderam(42). Também *Efile Mokulu,* o Criador celeste, entre os Basongos, não é cultuado, nem invocado senão como testemunha de juramento(43). Somente *Dzimgbe* ("o Pai universal"), à frente do panteão politeísta da população Ewe, à diferença da maioria dos outros Seres Supremos, tem sacerdote particular, chamado *dzisai* – "sacerdote do Céu" – que o invoca durante a seca:

> – "Ó Céu, a quem dirigimos nossos agradecimentos, grande é a seca. Faz que chova, que a terra se refresque e que prosperem os campos"(44).

–x–

De tudo isto é patente como os deuses supremos celestes estão em vias de evanescimento. "Os homens não se lembram do céu e da divindade suprema senão quando um perigo vindo das regiões urânicas os ameaça diretamente. No resto do tempo, a religiosidade da tribo é solicitada pelas necessidades do dia-a-dia; suas práticas e devoção se voltam para as forças que controlam estas mesmas necessidades"(45).

Em parte alguma a crença nesses Seres celestes domina a vida religiosa. Hoje, a característica da religiosidade australiana, por exemplo, não é a crença em um Ser celeste, criador, mas no totemismo. A mesma situação encontramos em outras regiões: divindades celestes supremas sendo repelidas para a periferia da vida religiosa, a ponto de cair no olvido; outras forças sagradas, mais próximas do homem, mais acessíveis à sua experiência quotidiana e mais úteis são as que desempenham o papel preponderante(46).

Certo é que semelhantes crenças nos Seres supremos representaram outrora o centro mesmo da vida religiosa e não um simples apêndice, como ocorre entre os primitivos atuais. O hodierno despojamento cultural desses Seres supremos patenteia pura e simplesmente que o seu conjunto cultual foi confiscado por outras formas religiosas; sem

---

(42) R. PETTAZZONI, 1922: 239; M. ELIADE, o.c., p. 54.
(43) M. ELIADE, o.c., p. 53.
(44) J. SPIETH, 1911: 46s.; M. ELIADE, o.c., p. 54.
(45) M. ELIADE, o.c., p. 50.
(46) Ibidem.

contudo significar, em hipótese alguma, que tais divindades urânicas tenham sido o fruto abstrato da criatividade do homem primitivo — ou de seus 'sacerdotes' somente — e que não tenham tido, ou não tenham podido ter com eles relações religiosas. A atual pobreza cultual deve-se, em grande parte, à ausência de um calendário religioso. Isto não obstante, com certa periodicidade são estes Seres celestes honrados com orações e sacrifícios. Vezes mesmo, trata-se de autêntico culto, no mais estrito sentido do termo, como pode ser constatado nas grandes festas rituais indígenas norte-americanas em honra de *Tirawa, Chebbeniathan, Awonawilona.*

Na África, os exemplos são até mesmo numerosos. Confiram-se as danças noturnas em honra de *Cagn,* entre os Boschimanos ou o culto regular a Uwoluwu com sacerdotes, lugar de culto e sacrifícios entre os Akposos; os sacrifícios humanos periódicos dos Ibíbios em honra de *Abassi Abuno,* o Trovejante ou o testemunho de seus santuários no pátio de cada casa entre os habitantes de Calabar, vizinhos dos Abíbios. Igualmente, as orações e os sacrifícios em honra de *Leza;* os cânticos e danças em louvor de *Mbamba,* a divindade suprema dos Kondes, como neste exemplo:

> — *"Mbamba* faz crescer nossos filhos! Que nossos animais se multipliquem! Que nosso milho e nossa batata prosperem! Afasta as epidemias!"(47).

Oferecendo orações e sacrifícios a *Ruwa* os Wachagas, tribo bando do Kilimandjaro, suplicam:

> — "Ó Chefe, Homem do Céu, aceita esta cabeça de rebanho. Nós te rogamos, afasta de nós a doença em que vem sobre a Terra"(48).

Mulugu recebe sacrifícios de bodes. A *Engai* são oferecidos carneiros, numerosos sacrifícios e as primícias das colheitas pelos Akikuyus(49). Todas essas manifestações de culto contudo são frágeis. Progressivo é o olvido dos Seres supremos em favor dos ancestrais tribais que ascendem ao primeiro posto nas preocupações religiosas tribais. O fosso entre os deuses celestes e os homens tende a ser preenchido por novas forças religiosas. Assim acontece com *Nzambi,* substituído pelo temor e culto aos espíritos. Mesmo para obterem a chuva já rogam aos akixi, os Ancestrais(50). Para os Wahéhés — mesmo que *Nguruhi* seja o criador todo-poderoso — são os espíritos dos mortos (mosoka) que

(47) J. FRAZER, 1926: 190.
(48) Ibid., p. 212s.
(49) J. FRAZER, Id., 248s.; M. ELIADE, o.c. p. 59.
(50) J. FRAZER, id., p. 168; M. ELIADE, o.c., p. 53-54.

exercem o verdadeiro controle dos negócios do mundo e é a eles que oferecem um culto regular(51).

Eliade reiteradamente acena para o progressivo desenvolvimento do culto aos antepassados e para a supremacia que este adquire na vida religiosa tribal com decadência do culto ao Ser supremo, o qual somente em raras ocasiões, sobretudo em situações de perigo urânico eminente, recebe súplicas, oferendas e sacrifícios. Parece-nos com Van Bulck que tal afirmação merece ser ponderada. Em 1955, na Semana de Estudos de Leopoldville (22-27/agosto) Van Bulck observara que os trabalhos dos etnólogos são freqüentemente vítimas da tendência enganosa, que falsifica os resultados, de querer que a religião se exprima integralmente nas manifestações *coletivas,* desconhecendo que certos aspectos da vida religiosa não encontram expressão senão nos atos individuais e privados(52). Aqui é de se notar, no entanto, que a análise oferecida por Eliade, baseia-se na bibliografia publicada pelos pesquisadores. Como é patente, a grande maioria destes viajantes e etnólogos são europeus e não nativos. Em decorrência disso, colhem, no mais das vezes, o que podem, não o que passa no âmago da vida tribal. Muitos segredos íntimos da vida religiosa do Homem primitivo não se manifestam nas cerimônias de culto público, embora haja grande propensão, ou mesmo necessidade, para o bem da tribo, que todos participem publicamente das cerimônias, como observou Malinowski(53). Observadores não advertidos não captam as manifestações íntimas. Daqui, muitos aspectos da vida religiosa e do culto individual ao Ser supremo permanecerem no recôndito da vida privada, apenas percebidos por aqueles que estão profundamente a par do seu significado em todos os gestos banais da sua vida rotineira, bem menos acessíveis que os fatos de ordem pública. Somente os observadores e etnólogos que usufruam da inteira confiança do Primitivo e se achem inseridos em suas vidas conseguirão perceber-lhes o relacionamento íntimo com o Ser supremo.

Igualmente desnorteante dos observadores, no que respeita ao culto dos Seres supremos é a inexistência generalizada de ministros a eles consagrados. O advinho, o mago, o oficiante no culto aos Ancestrais tribais são reconhecíveis. Mas onde se oculta o homem acreditado face ao Ser supremo? Na prática esse cultuador se identifica com cada

(51) M. ELIADE, ibidem.
(52) G. van BULCK, 1955: 27.
(53) B. MALINOWSKI, 1954: 66.

indivíduo da multidão anônima do clã. Cada membro da célula familiar, ou da tribo, dirige-se pessoalmente ao Ser supremo, aguilhoado pelas necessidades pessoais ou pelo acicate de circunstâncias especiais. Exemplos comezinhos? Eis alguns: Discussão acesa. Alguém dá a palavra sobre o que afirma. No calor da discussão alça a mão ao céu. Quem informado dos costumes tribais compreende. O Ser supremo foi chamado como testemunha da veracidade do que é dito. O observador desatento não captou. Outro: Toda a aldeia dorme. Uma mãe negra, de pé, atrás de seu mucambo, levanta ao céu seu bebê, apresentando-o ao Ser supremo enquanto balbucia outra curta oração de oferta. Quem notou? Outro mais. Um dos filhos da família deve empreender longa viagem. A família se reúne. O pai invoca a proteção do Alto, para assegurar-lhe feliz retorno. Outro ainda: no decurso de uma cerimônia de casamento, os pais, unindo-se aos Ancestrais do clã, e em nome deles, invocam a bênção do Ser supremo sobre os filhos e o novo lar que fundam. Tudo sob o olhar do Ser supremo!... ... e os exemplos poder-se-iam enfileirar... a perder de vista. Ao partirem para uma caçada os Bapende imploram:

> "Nzambi ami, unguvwe mbimbi yami! Ungughwe mbizi, mgushiye!" [Meu Deus, escuta minha súplica! Dai-me a caça e que a possa abater!]

Em outras ocasiões invocam *Nzambi* e os Ancestrais:

> *"Nzambi* atuvwe! Malemba atuvwe! Tushiye, mbizi" [Senhor, ouvi-nos! Ancestrais nossos ouvi-nos, no abatimento da caça!]

Caçada esplêndida? De retorno à aldeia, exclam:

> "Magino, Nzambi wanguwalanganya ngashiye mbizi ziami Magino malemb'ami anguwalanganya. Ngashiyi mbizi ziami!] Hoje Deus me foi favorável. Matei minha caça. Hoje meus Ancestrais me foram favoráveis. Matei minha caça!"](54).

E os exemplos se poderiam multiplicar infindamente, alargando-se ainda se nos espraiássemos ao longo das estações ou do curso das horas do dia. O etnólogo advertido terá captado as sutis gradações do culto ao Ser supremo nesta textura de atividades individuais. Culto interior despojado. Poucos gestos. Nenhum aparato cerimonial. O Ser supremo ocupando na consciência do Homem Primitivo posição inconfundível com o recurso ostensivo aos Ancestrais. Os desatentos nada terão captado.

---

(54) J. DELAERE, 1942-1945: 625.

4. *CONCLUSÃO*

Ao término desta análise, algumas conclusões se impõem: se não podemos afirmar sem erro que a devoção aos Seres Celestes tenha sido a primeira e única crença do Homem primitivo e que todas as demais formas religiosas tenham surgido ulteriormente, como fenômenos degradados, contudo, não é possível negar que a crença em um Ser celeste supremo se encontre habitualmente nas sociedades primitivas, mesmo as mais arcáicas, como a dos Pigmeus, Australianos, Fueguinos, etc, embora não constatável em todas, como, por exemplo, entre os Tasmanianos, os Weddas, os Kubu, onde inexiste. Esta crença não exclui necessariamente outras formas religiosas. Sem dúvida, o homem pode ter tido, desde os tempos mais remotos, a revelação da transcendência e da onipotência do "sagrado" pela experiência de suas relações com o meio urânico. Em si mesmo, antes de toda fabulação mítica ou elaboração conceitual, o Céu se tem apresentado como o domínio "divino" por excelência. Mas, ao lado da hierofania urânica, é possível ter existido inumeráveis outras hierofanias(55). Um dado porém, é inegável: difícil é derivar a crença nos Seres Celestes supremos de outra crença anterior. Não certamente, do culto aos mortos, como alguns já o afirmaram, pois no Sudeste da Austrália — um dos mais antigos estratos etnográficos — o culto dos mortos inexistente(56), área, precisamente, onde as cerimônias de iniciação são mais vigorosas. Nela a divindade celeste permeia os ritos secretos. Onde, ao contrário, o esoterismo agoniza — como é o caso da maioria das tribos australianas do centro como Arunta e Loritja — a divindade celeste (*Altjira, Tukura*) evanesce, fantasmagoriza no mito. Daqui se conclui ter sido a sua crença e culto incontestavelmente mais completa e intensa num passado remoto(57). Portanto, a crença nos deuses urânicos é primitiva. Não deriva de outras formas de culto. Sua natureza, culto e atributos se ligam aos fenômenos metereológicos. Casos há mesmo onde se verifica uma autêntica identificação entre o nome da divindade e o empíreo. Tal, *Mawu, Leza, Nyankupon,* entre outros. Alguns, dotados de vários atributos divinos. Tais, *Puluga, Kari, Nzambi.* Outros, com um outro atributo mais acentuado. Assim, *Tsuni-goam:* omnisciência; *Ngai:* invisibilidade. Nem todos expressamente onipotentes. Em alguns a onipotência geminada com o poder criador, o atributo mais difundido dos deuses urânicos. A transcendência, por vezes ligando estreitamente os Seres supremos ao

(55) M. ELIADE, o.c. pp. 58-59.
(56) W. SCHMIDT, 1931, III: 106.
(57) M. ELIADE, o.c., p. 60.

mundo sideral, distanciados dos homens, os míseros terráqueos!...

Esta constelação de Seres supremos, na mente dos Primitivos, não irrompeu de uma reflexão sistemática em torno à natureza íntima destes Seres. O Primitivo não faz análise ou especulação filosófica, daí deduzindo por conclusões os atributos dos Seres supremos. Estes são vergônteas espontâneas da observação fenômeno-sideral, vivida no dia-a-dia tribal: o céu estrelado, a imensidão do espaço cósmico, a violência dos fenômenos metereológicos: tempestades, raios, trovões, seca, etc, etc.

O homem primitivo aparece nesta análise com consciência nítida de sua situação criatural: ser criado pelo Ser Supremo, sujeito às leis divinas impostas e obedecidas, não por amor, mas pelo temor de castigos (intempéries). Obediência desligada da esperança de prêmio por ela. Sujeição à lei da vida, à inserção no Cosmos. Sentido-se dependente e não 'senhor'. Parcimonioso no uso dos meios naturais, necessários à subsistência. Não desrespeitando as normas estabelecidas pelo Criador, zeloso da observância dos mandamentos e leis, naturais, morais ou iniciáticos. Seres supremos cultuados mais no fôro íntimo que em cerimônias coletivas. Culto nem sempre perceptível a observadores superficiais, o que tem conduzido à inexata conclusão que o culto a esses Seres supremos esteja em vias de desaparecimento.

BIBLIOGRAFIA

BULCK, G. van
1955 — "Existence et portée du Monothéisme africain" em *Formation Religieuse en Afrique Noire* — Compte rendu de la Semaine d'études de Léopoldville — 22-27 aoûte 1955. Ed. Lumen Vitae, Bruxelles, pp. 20-43.

DELAERE, J.
1942 - 1945 — "Quelques notes sur la croyance des Bapende en l'Être Supreme" em *Anthropos,* nn. 37-40 (1942-1945) 620-28.

M. ELIADE
2 1968 — *Traité d'histoire des Religions,* Ed. Payot, Paris.

FRAZER, J.
1926 — *The Worship of Nature,* London. Trad. franc. *Les Dieux du Ciel,* 1927.

GUZINDE, M.
1928 — "Das hochste Wesen bei den Selk'nam auf Feuerland" em *Festschrift Schmidt,* Wien. pp. 269-74.

HOLLIS, A. C.
1905 — *The Masai,* Oxford.

HOWITT, A. W.
1904 — *The Native Tribes of South-East Australia,* London, pp. 362ss., 466ss.

MALINOWSKI, B.
1954 — *Magic, Science and Religion,* New York.

PETTAZZONI, R.
1922 — "L'Essere Celeste nelle credenze dei popoli primitivi" em *Dio,* I, Roma. pp. 2ss.

SCHEBESTA, P.
1940 — *Les Pygmées,* Paris.

SCHMIDT, W.
2 1926 — *Der Ursprung der Gottesidee*, v. I.
1931 — v. III
1933 - 1955 — vv. IV-XII, Münster.

SKEAT, W. W. and O. BLAGDEN
1906 — *Pagan races of the Malay Peninsula*, London.

SMITH, E. W. and A. M. DALE
1920 — *The Ila-speaking peoples of Northern Rhodesia*, London.

SPIETH, J.
1911 — *Die Religion der Eweer*, Göttingen/Leipzig.

TRILLES, H.
1932 — *Les Pygmées de la forêt équatoriale*, Paris.
1945 — *L'âme du Pygmée d'Afrique*, Paris.

WING, J. van
1920 — "L'Être Suprême des Bakongo" em *Recherches de Science Religieuse*, Paris, 170-181.